

CONTOS

BB n.º 81 | MARÇO de 2018 | AELdF

Ficha técnica

Título: *Contos*

Autor: Biblioteca Escolar Clara Póvoa | Serviço das Bibliotecas Escolares do Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede

Seleção e paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

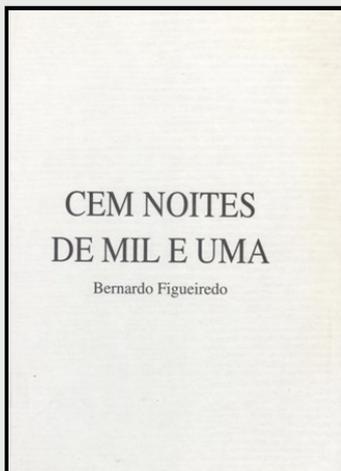
Edição: Isabel Bernardo

Imagem: escultura do artista Guy Portelli

Contos by Biblioteca Escolar Clara Póvoa | Serviço das bibliotecas Escolares do Agrupamento de Escolas Finisterra-Cantanhede is licenced under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial SemDerivações 4.0 International Licence

E o sonho com uma gravura que havia, muito do meu gosto? Sonhei que aquilo tudo era real: vi-a animar-se, mexerem-se as figuras... Nisto abria-se o portão. Por uma *alameda abaixo vinham dois cavaleiros e uma amazona. Ela falava e ria-se e até voltava a cara para trás. Procurava com os olhos um belo cavaleiro, *desirmanado do grupo, que montava um cavalo bravo. Também havia mais cavaleiros e amazonas, que se não distinguiam lá muito bem. Mas tudo aquilo era bonito, era elegante. Saíram todos do portão, finalmente, e até uma das damas, com a ideia que teve de arrancar um *tronquinho de hera, ia caindo do cavalo abaixo. Deixei de ouvir o *trupe dos cavalos e as vozes e vi-me sozinha. Só, só de todo! No meio do campo. Fazia um luar divino. E todo o meu desgosto era de não ser fidalga, de não pertencer também à cavalgada. us-me a andar de um lado para o outro e a falar só. Porque não tinha eu ido com eles? Com eles é que eu devia ter ido! À noite vestiria um fato de baile... Olhei para o chão, que me pareceu todo *malhado. Eu não devia pisar nenhuma daquelas malhas. Eram de luar líquido. Devia saltar por cima delas, e era o que fazia. Dava cada salto! Cheguei a saltar de árvore para árvore. De cima de uma delas até descobri um salão onde as fidalgas andavam a dançar. Lá lá lá...lá lá lá...lá lá lá...Que valsa tão doce e tão agradável! Conhecia-a tão bem! Eles, de calção de seda e de meia alta, elas, *de cauda... Deixem-me dançar também, dizia eu, sem que ninguém me pudesse ouvir. Por fim agarrei-me a uma árvore e pus-me a andar à roda.Mas que vergonha, que vergonha! Descobriram-me! Nisto acordei.

A Gravura faz parte das histórias sobre os Sonhos in «Uma Mão Cheia de Nada Outra de Cousa Nenhuma», Porto, Livraria Figueirinhas, s/d.



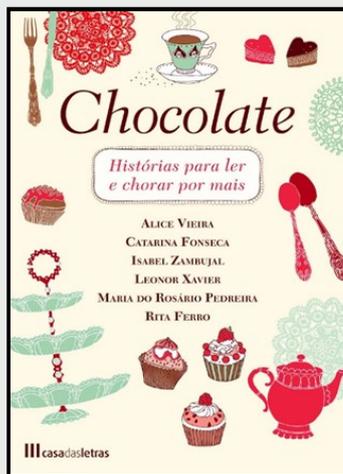
Um mercador tinha negócios em muitos países. Em dia quente de verão partiu, montado no cavalo, para pais distante, onde os negócios o chamavam. Pelo meio-dia, cheio de fome e calor, sentou-se debaixo de uma arvore solitária para matar a fome com o pão e as tâmaras que levava. Quando acabou de comer, sem ver ninguém á volta, atirou para longe os caroços das tâmaras. Logo lhe apareceu um génio de enorme estatura, empunhando uma espada, a gritar: «Vou matar-te como... (p. 19) .

Cota: 821.134.3-34 FIG
N.º de registo: 11031

Figueiredo, Bernardo. (comp).(2005). *Cem noites de mil e uma*. S. Pedro do Sul: Gazeta da Beira.

Chocolate: histórias para ler e chorar por mais.

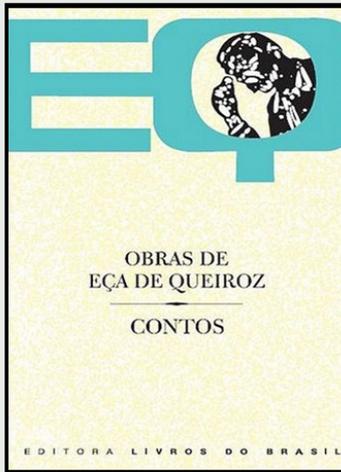
Conto



Não passou pela cabeça do José que naquele exato dia eu tivesse a certeza de que ele tinha estado com outra mulher. Porquê? Foi a pergunta que me foi feita, quando tudo se desencadeou. Digo eu agora, pela enésima vez o digo, a mim própria. Pela simples razão de que de que quando chegou a casa nesse dia, ele me abraçou, como sempre e eu também, como de todas as vezes, o abracei e o beijei no pescoço. Cheirava a sabonete. *Feno de Portugal*. Um sabonete que não tem um... (p. 106)

Cota: 821.134.3-34 CHO
N.º de registo: 12589

Vieira, A., Fonseca, C., Zambujal, I., Xavier, L., Pedreira, M. do R., & Ferro, R. (2010). *Chocolate: histórias para ler e chorar por mais*. Alfragide: Casa das letras



A rapariga loura reparou naturalmente em Macário, mas naturalmente desceu a vidraça, correndo por trás uma cortina de cassa bordada. Estas pequenas cortinas datam de Goethe e elas têm na vida amorosa um interessante destino: revelam. Levantar-lhe uma ponta e espreitar, franzi-la suavemente, revela um fim; corrê-la, pregar nela uma flor, agitá-la fazendo sentir que por trás um rosto atento se move e espera – são velhas maneiras com que na realidade e na arte começa o romance. (p.13)

Cota: 821.134.3-34 QUE
N.º de registo: 13460

Queirós, Eça de. [sd]. *Contos*. Lisboa: Livros do Brasil.



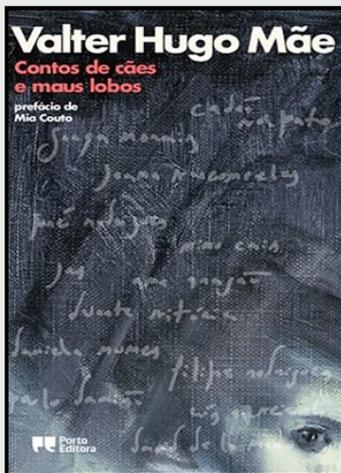
Em casa, fala horas ao telefone com as filhas e todas as suas conversas são premonições de desgraça. Não gosta de exprimir satisfação porque tem medo de estragar a sorte feliz que lha trouxe. Quando lhe acontece dizer que alguma coisa lhe está a correr bem, baixa a voz e, depois de o dizer, bate com os dedos na mesa do telefone. As filhas contam-lhe muito poucas coisas, porque sabem que ela descobre ameaças em tudo o que lhe dizem. E porque lhe contam demasiado pouco, ela tem medo... (p. 19)

Cota: 821-34 DAV
N.º de registo: 12969

Davis, Lydia. (2012). *Contos completos*. Lisboa: Relógio d'Água.

Contos de cães e maus lobos

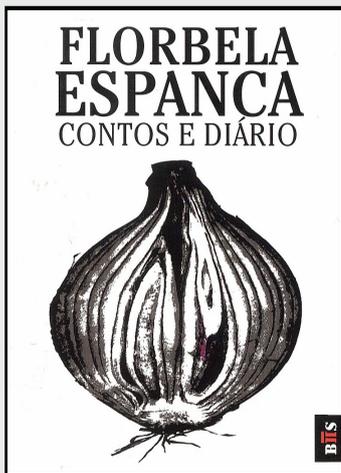
Conto



Debaixo da minha cama viviam um monstro triste e um lobo velhinho. Faziam-se companhia. O primeiro lamuriando e o segundo apenas a suspirar. Eu sonhara sempre com monstros cheios de energia, com ideias para brincadeiras de pregar sustos e correr, mas aquele que inventei era cabisbaixo, aflito, tinha problemas, não explicava muito sobre assunto algum. Dava-lhe pena assustar, ficava com peso na consciência quando se mexia porque incomodava o lobo seu amigo... (p.47)

Cota: 821.134.3-34 MAE
N.º de registo: 13608

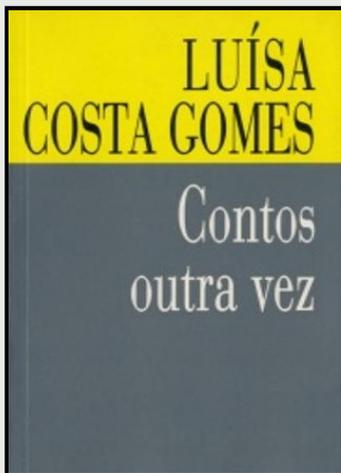
Mãe, Valter Hugo. (2015). *Contos de cães e maus lobos*. Porto: Porto Editora.



Os quatro meteram-se nos umbrais da porta, mas sem abandonarem o seu posto de observação. De súbito, no mesmo momento maquinal e respeitoso, os quatro chapéus ergueram-se à passagem duma senhora dos seus quarenta anos que uma deliciosa rapariga acompanhava; num cumprimento discreto, a linda cabeça baixou-se levemente, um suave sorriso, um pouco triste, deu-lhe à boca a curva graciosa duma boquita de bebé amuado; os olhos tiveram um só olhar, um só... (p. 37)

Cota: 821.134.3-34 ESP
N.º de registo: 12989

Espanca, Florbela. (2004). *Contos e diário*. (2.ª ed.). Lisboa: Leya.



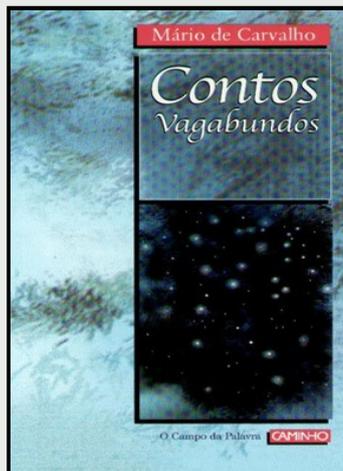
Os quatro meteram-se nos umbrais da porta, mas sem abandonarem o seu posto de observação. De súbito, no mesmo momento maquinal e respeitoso, os quatro chapéus ergueram-se à passagem duma senhora dos seus quarenta anos que uma deliciosa rapariga acompanhava; num cumprimento discreto, a linda cabeça baixou-se levemente, um suave sorriso, um pouco triste, deu-lhe à boca a curva graciosa duma boquilha de bebé amuado; os olhos tiveram um só olhar, um só... (p. 37)

Cota: 821.134.3-34 GOM
N.º de registo: 10459

Gomes, Luísa Costa. (1998). *Contos outra vez*. (2.ª ed.). Lisboa: Cotovia.

Contos vagabundos

Conto



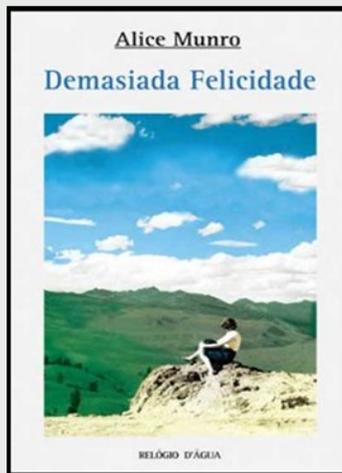
De súbito um alvoroço. Um vulto branco por entre as folhas do caramanchão. Um homem avançou, expôs-se ao olhar, cruzou os dedos das mãos em frente ao peito e estendeu os braços. O «claque» seco dos ossos distendidos chegou aos ouvidos de Matilde. Se não chegou, era como se chegasse. Meu Deus. Era ele. O dossier podia esperar! O homem deu uns passos pela relva, sentou-se à mesita e foi folheando um livro que - Matilde não tinha reparado - já lá estava. (p. 47)

Cota: 821.134.3-34 CAR
N.º de registo: 10304

Carvalho, Mário de. (2000). *Contos vagabundos*. Lisboa: Caminho.

Demasiada felicidade

Conto



Compraram por quase nada aquela casa em ruínas e iniciaram uma nova fase das suas vidas. Plantaram um jardim e estabeleceram relações com os vizinhos – alguns dos quais eram ainda verdadeiros *hippies*, que viviam de cultivar marijuana no bosque e de fazer colares de contas e saquinhos de ervas aromáticas para venda. Os vizinhos simpatizavam com Jon. Ele era ainda um jovem magro e de olhar luminoso, autocentrado mas capaz de escutar os outros. (p. 39)

Cota: 821-34 MUN
N.º de registo: 13014

Munro, Alice. (2010). *Demasiada felicidade*. Lisboa: Relógio d'Água.

O fim de Lizzie: e outras histórias

Conto



Nunca esquecerei aquela noite. Uma imagem esbatida, como um dos quadros antigos que assombram as paredes dos quartos e que ninguém repara: quatro crianças de roupão, com lanternas de bolso acesas, a subir a larga escadaria que levava ao primeiro andar. A velha casa resistia como uma rocha aos assaltos do vento e da chuva. Lizzie que era muito hábil quando queria, arrancara à cozinheira uma descrição exata do andar de cima. Assim não tivemos qualquer dificuldade...(p. 32)

Cota: 821.134.3-34 PER
N.º de registo: 13241

Pereira, Ana Teresa. (2009). *O fim de Lizzie: e outras histórias*. Lisboa: Relógio d'Água.

Garrett e outros contos

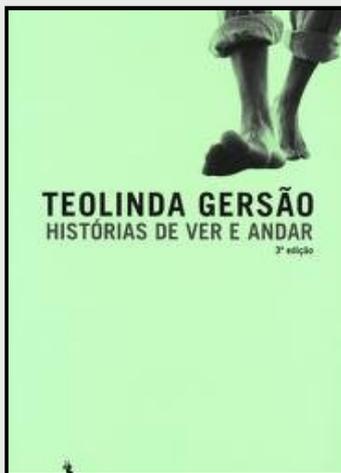
Conto



Pelos anos 40 os dois jovens Joaquins Hipólitos vieram para Lisboa , Um funcionário modesto da educação Nacional, como continuo numa Escola Comercial, o outro funcionário corporativo de uma junta , também em nível de emprego de letra H. Moraram então em bairros distantes, e se um deles, o corporativo se inscreveu na Legião para melhoria do emprego, o outro também sem qualquer razão ideológica , era apenas sócio do Benfica, por simpatia antiga, de miúdo de pontapé na bola... (p. 55)

Cota: 821.134.3-34 GAR
N.º de registo: 10304

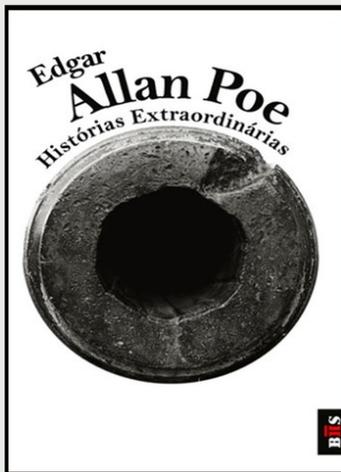
França, José-Augusto. (2007). *Garrett e outros contos*. Lisboa: Acontecimento.



O mal de muita gente era não saber dar o devido valor às coisas. A maioria esbanjava tempo e felicidade da mesma forma que esbanjava dinheiro. Se se fosse a ver, poucos sabiam aproveitar o que tinham. por exemplo , não aproveitavam a agua quente que ficava nos canos depois de se ligar o gás e a água aquecer, não se lembravam de apagar logo as luzes do tecto quando passavam de um quarto para o outro, nem desligavam os queimadores do fogão um pouco antes da comida estar pronta. (p. 73)

Cota: 821.134.3-34 GER
N.º de registo: 10408

Gersão, Teolinda. (2002). *Histórias de ver e andar*. (2.ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.



Houve uma outra circunstância que me interessou bastante. Durante as duas noites em questão, e imediatamente depois de a Sr. Wyatt desaparecer no camarote extra chamaram-me à atenção certos ruídos específicos, cautelosos e abafados, que saíam do camarote do marido. Depois de ficar a ouvi-los durante algum tempo, com muita atenção, finalmente consegui interpretar a sua origem. Eram provocados pelo artista a abrir a caixa longa por meio de escopro e martelo... (p. 30)

Cota: 821-34 POE
N.º de registo: 12553

Poe, Edgar Allan. (2010). *Histórias extraordinárias*. (3.ª ed.). Alfragide: Leya.



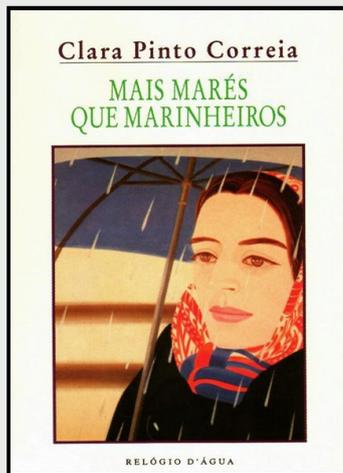
Romeu da Baviera, o homem que se procurava a si mesmo, ambicioso; pretendente a sábio; seguidor de Heraclito, tornou-se conhecido como o duque do Fogo; o homem que queima até o que já não consegue fugir. Conquistou tantas cidades como ódios. Matou tantos homens como os que deixou com vontade de o matar. Um dia porém o mundo mudou: o homem que desce o caminho fácil deve também aprender o difícil, porque num qualquer momento é certo precisará dele. (p. 17)

Cota: 821.134.3-34 TAV
N.º de registo: 13670

Tavares, Gonçalo. (2014). *Histórias falsas*. (7.ª ed.). Lisboa: Caminho.

Mais marés que marinheiros

Conto



No ano em que João foi à colónia de férias na Praia das Maças ainda ninguém poderia saber que mais tarde o rapaz seria um homem muito famoso. Nem ele próprio sabia. Nem sequer ambicionava ser um homem muito famoso.

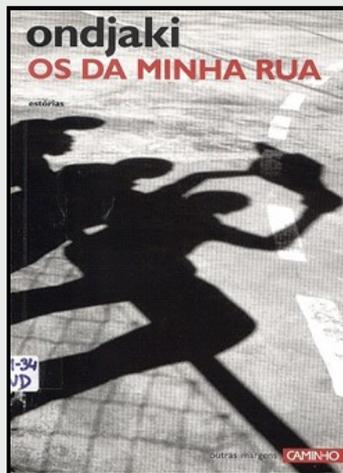
Foi nessa colónia de férias que João conheceu Margarida. Apaixonou-se por ela logo da primeira vez que a viu. Margarida era muito bonita, de feições muito delicadas e modos muito doces, e nunca deu por nada. (p.71)

Cota: 821.134.3-34 COR
N.º de registo: 11196

Correia, Clara Pinto. (1999). *Mais marés que marinheiros*. (3.ª ed.). Lisboa: Relógio D'Água.

Os da minha rua: estórias

Conto



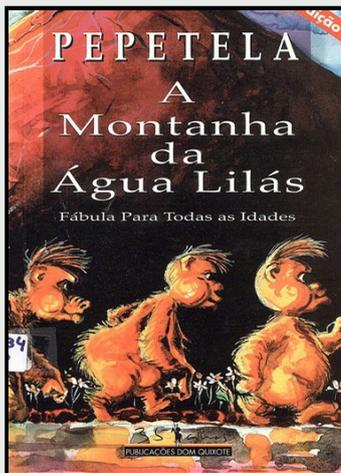
A vida às vezes é como um jogo brincando na rua: estamos no último minuto de uma brincadeira bem quente e não sabemos que a qualquer momento pode chegar um familiar a avisar que a brincadeira já acabou e esta na hora de jantar. A vida afinal acontece muito de repente- nunca ninguém avisou que aquele ia ser o último carnaval da Vitória. O carnaval também chegava sempre de repente. Nós, as crianças, vivíamos num tempo fora do tempo, sem nunca sabermos dos calendários... (p. 47)

Cota: 821-34 OND
N.º de registo: 11674

Ondjaki. (2007). *Os da minha rua: estórias*. Lisboa: Caminho.

A montanha da água lilás: fábula para todas as idades

Conto



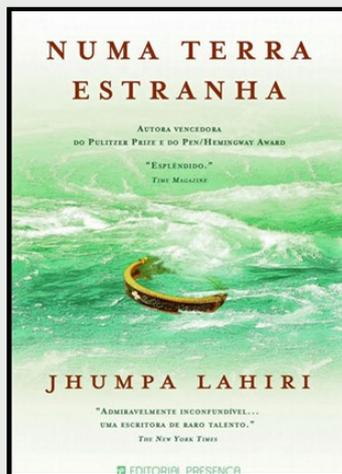
Não se sabe por que magia da natureza, na nossa montanha apareceram há muitos e muitos anos uns seres cor de laranja, diferentes de todos os outros da Terra. Eram animais que se distinguiam em duas qualidades embora fossem da mesma família. Todos eles eram peludinhos, exceto na cara. Esta tinha um nariz bem gordo, e bochechas todas redondas de tocadores de trombone. As orelhas também eram redondas. Tinham duas pernas e dois braços, andavam de pé como os humanos. (p. 25)

Cota: 821-34 PEP
N.º de registo: 10326

Pepetela. (2002). A montanha da água lilás: fábula para todas as idades. (3.ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.

Numa terra estranha

Conto



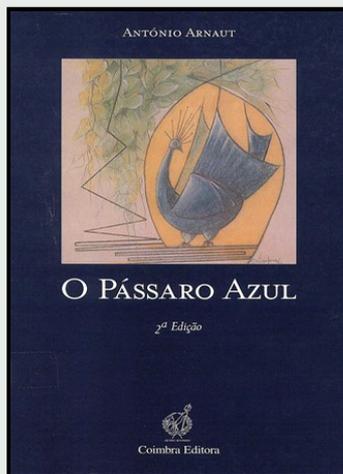
«No fundo tu tens vergonha de ser quem és, de ser indiana» dizia-lhe a mãe vezes sem conta. Sabia que para os pais era um grande choque; sempre mantivera os seus relacionamentos com outros homens americanos em segredo, até ao dia em que anunciou que estava noiva. Com o passar dos anos a mãe não só mudou de opinião, como negava veemente alguma vez ter pensado de forma diferente; aprendeu a amar Adam como um filho, um substituto de Romi... (p. 37)

Cota: 821-34 LAH
N.º de registo: 13250

Lahiri, Jhumpa. (2010). *Numa terra estranha*. Barcarena: Presença.

O pássaro azul: contos e poemas de natal

Conto



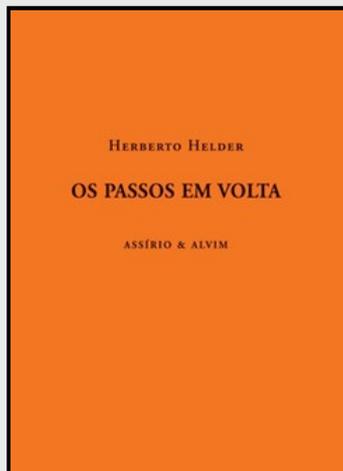
O homem caminhava afoito pela azinhaga da Quinta, como se fosse cumprir um dever. Não sabia, verdadeiramente porque decidira assaltar a casa do antigo patrão. A ideia andava a persegui-lo desde que, fazia hoje um ano, se despedira. “Hás-de voltar...” pressagiara, com olhar enigmático, o Senhor Gomes. E desde então, interiorizava o seu regresso como um destino incontornável. Sabia que tinha de voltar para esvaziar o desejo de vingança. Só não sabia como nem a que pretexto... (P. 33)

Cota: 821.134.3-34 ARN
N.º de registo: 13181

Arnaut, António Duarte. (2001). *O pássaro azul: contos e poemas de natal*. (2.ª ed.). Coimbra: Coimbra Editora.

Os passos em volta

Conto



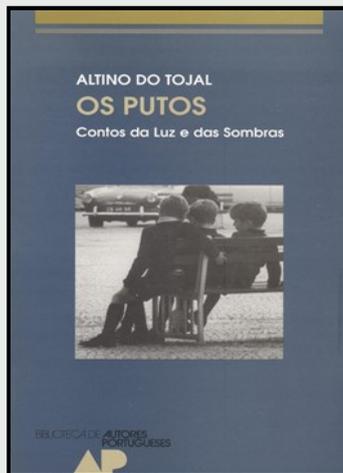
Em janeiro eu estava em Bruxelas, nos subúrbios, numa casa sobre a linha férrea. Os comboios faziam estremecer o meu quarto. Fora-se o natal. Algo desaparecera, uma coisa ingénua em que se podia ter confiado. Talvez a esperança. Eu não tinha dinheiro nem livros nem cigarros. Não tinha trabalho nem ócio, porque estava desesperado. Por isso passava o dia e a noite no quarto. Na linha em baixo rangiam e apitavam comboios que talvez fossem para Antuérpia. (p.47)

Cota: 821.134.3-34 HEL
N.º de registo: 10449

Hélder, Herberto. (2001). *Os passos em volta*. (8.ª ed.). Lisboa: Assírio & Alvim

Os putos: contos da luz e das sombras

Conto



O gorducho do chapéu tem as mãos enfiadas nos bolsos das calças e um solido guarda-chuva pendente no braço. Fuma. Ao lado o ganapo da boina, também gorducho, tem as suas mãos à mesma nos bolsos das calças, mas não fuma, e o rosto bolachudo, muito branco, irradia uma risinha bem-aventurança. Estão aparafusados diante de uma montra, vendo um comboiozinho entrar num túnel, surgir do outro lado dum monte encimado por um moinho de vento... (p. 253)

Cota: 821.134.3-34 TOJ
N.º de registo: 12245

Tojal, Altino do. (2001). *Os putos: contos da luz e das sombras*. (28ª ed.). Lisboa: Impr. Nacional-Casa da Moeda.

Quem corre por gosto não quê?: fábula de periferia

Conto



Quase hora de almoço e absoluta falta de vontade de comer fosse o que fosse, senhores. Ecos da má disposição noturna e amanhecida. Por ali, na secretária vagamente castanha, sob os seus ombros, muitos «telexes» sobre campanha eleitora, de norte a sul. Não conseguia esquecer entretanto o cão despedaçado, arfando apos as rodas assassinas, arfando pobrementemente impotente sobre a modernidade. O automobilista não parava sequer, a cena completara-se parvamente com...(p. 23)

Cota: 821.134.3-34 CAR
N.º de registo: 8365

Carvalho, Joaquim Jorge. (1998). *Quem corre por gosto não quê?: fábula de periferia*. Lisboa: Comissão Nacional de Eleições.

A rapariga que inventou um sonho

Conto



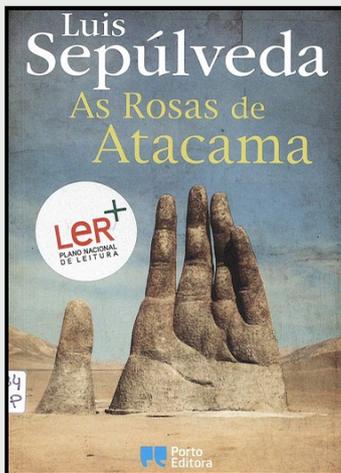
Já passava das sete e meia quando o gerente começou a sentir-se adontado. Sem forças, deixou-se cair numa cadeira e ali se deixou ficar durante um bocado sempre agarrado ao estomago, como se tivesse sido atingido a tiro. Uma camada de suor gorduroso colava-se-lhe à testa. «Acho melhor que me levem ao hospital» pediu ele com a voz num murmúrio. Não era coisa dele adoecer assim de repente e ver-se obrigado a dar parte de fraco... (p.37)

Cota: 821– 34 MUR
N.º de registo: 12625

Murakami, Haruki. (2011). *A rapariga que inventou um sonho*. (5.ª ed.). Alfragide: Casa das Letras.

As rosas de Atacama

Conto



Fredy Taberna tinha um caderno com um mapa de cartolina onde anotava conscienciosamente as maravilhas do mundo, e elas eram mais de sete: eram infinitas e multiplicavam-se. Quis o acaso que tivéssemos nascido no mesmo dia do mesmo mês, só que separados por uns dois mil quilómetros de terra árida, porque Fredy nasceu no deserto do Atacama, quase na fronteira que separa o Chile do Perú, e essa casualidade foi um dos tantos motivos que cimentaram a nossa amizade. (p. 77)

Cota: 821-34 SEP
N.º de registo: 13494

Sepúlveda, Luís. (2011). *As rosas de Atacama*. (2.ª ed.). Porto: Porto Editora.

Missão

Enquanto estrutura pedagógica, o Serviço das Bibliotecas Escolares do AELdF tem por missão apoiar o processo de ensino e aprendizagem, promover a leitura, a literacia da informação e o gosto pela frequência de bibliotecas ao longo da vida, a fim de contribuir para a formação de cidadãos informados, críticos, responsáveis, utilizadores efetivos da informação e com capacidade de aprendizagem autónoma.

Visão

Integrado na RBE, o Serviço das Bibliotecas Escolares do AELdF pretende continuar a ser uma referência neste programa. Aberto às orientações nacionais e internacionais e à colaboração em rede, desenvolve o seu trabalho numa busca contínua da excelência dos serviços e da coleção, acessíveis equitativa e livremente, potenciando os valores e demais orientações estratégicas expressas no Projeto Educativo do Agrupamento.

